

## Fascismo, fascismos: 100 años Presentación

**Thiago Fidelis**

Universidad del Estado de Minas Gerais, Brasil

[ORCID](https://orcid.org/0000-0002-1326-5978) [0000-0002-1326-5978](https://orcid.org/0000-0002-1326-5978)

**Heloisia Paulo**

Universidad de Coimbra, Portugal

[ORCID](https://orcid.org/0000-0002-9990-088X) [0000-0002-9990-088X](https://orcid.org/0000-0002-9990-088X)

No dia 28 de outubro de 1922, após um período bastante conturbado por conta do pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918) na Itália, os camisas-negras tomaram, de sobressalto, a capital e, após inúmeras pressões e ameaças, o líder do Partido Nacional Fascista, Benito Mussolini, foi empossado como primeiro-ministro italiano (Paxton, 2007).

Desde essa data até quase o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o *Dulce* governou o país com base nos princípios instituídos por seu partido, que foi o ponto de início para a instituição de inúmeros governos de cunho autoritário e totalitários, cujas bases foram sendo gestadas durante a década de 1920 e ganhou ainda mais força após a crise econômica que abateu os EUA e boa parte dos países do Ocidental em 1929, fazendo com que a ideia da democracia liberal fosse ainda mais contestada em várias partes do mundo (Hobsbawm, 1995).

Assim, a ascensão do grupo nazista na Alemanha, bem como a consolidação de governos ditatoriais na Península Ibérica e no Japão, para além da ascensão de ditaduras na América Latina indicavam que a década de 1930 traria a era do *Estado Novo*, expressão cunhada na Itália e que daria base para os governos ditatoriais em Portugal e Brasil, que marcaria uma nova era de governos “fortes”, que procurariam controlar toda a sociedade e manter a ordem, sem espaços para desordens ou perspectivas revolucionárias (Paulo, 1994)

Embora, após a derrota da *Tríplice Entente* na Segunda Guerra Mundial e a queda dos governos totalitários italiano e alemão, assim como o desmantelamento de praticamente todos os governos autoritários que se consolidaram nesse contexto (com exceção da Península Ibérica),



tais pensamentos nunca deixaram de serem semeados e frutificarem no restante do século XX e início do século XXI. Em momentos distintos, manifestações e grupos intitulados *neonazistas* ou derivados de outras perspectivas demarcaram que, embora em pequeno número e sem grande espaço, eles estavam lá, mantendo o legado de seus grandes líderes vivo. No alvorecer do século XXI, vários líderes políticos ascenderam defendendo pautas caras a esses grupos e que, sem causar grandes indagações ou reflexões, foram normalizadas mesmo por parcelas da população que, supostamente, não coadunam com os valores fascistas (Anderson, 2020).

Em linhas gerais, a proposta desse dossiê foi de discutir o que é o Fascismo, caracterizando-o historicamente, bem como seus desdobramentos e os ecos de suas bases no mundo atual, além de fomentar o debate sobre as bases do pensamento fascista que, embora venham de um fenômeno histórico específico, ainda é bastante perpetrado atualmente, sendo encontrado manifestações das mais variadas formas nos mais difusos locais (Fidelis; Paulo, 2024).

É importante salientar o debate para encontrar mecanismos que busquem demonstrar como esses valores afrontam os Direitos Humanos e o Estado Democrático de Direito, valores que foram pensamente construídos exatamente após a ebulição do fascismo enquanto forma política que culminou com a Segunda Guerra Mundial e que ainda mantêm, mesmo que um equilíbrio extremamente tênue, a população mundial de mergulhar nos infindáveis abismos nos quais encontrou-se nos anos 1930 e 1940.

As manifestações de cunho fascista e seus pensamentos congêneres não esgotaram-se com seus governos em meados da década de 1940, mas ainda continuam bastante vivos e, no caso brasileiro, por exemplo, com uma atualidade cada vez maior. Tendo em vista o aumento exponencial, nesses últimos anos, de manifestações fascistas e de cunho autoritário em geral em várias partes do mundo, é importante refletir sobre os aspectos pautados, convergindo com a proposta indicada por Theodor Adorno, ao defender uma educação que combatesse as perspectivas na Segunda Guerra Mundial que, para ele, teria no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, seu grau mais alto de horror. Sendo assim, toda a educação deveria ser pautada na luta contra todos os pontos ligados ao Fascismo e seus congêneres, já que as

causas que levaram essas ideologias ao poder, segundo Adorno, ainda existiam (e que, em linhas gerais, continuam existindo):

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora. Apesar da não-visibility atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz (Adorno, 1995, p. 119).

Em relação aos artigos do dossiê, o texto inicial «¿“Arquitectura fascista” en España? Una discusión sobre su pertinencia conceptual y sobre su desarrollo fáctico en la posguerra española», de Rodrigo Almonacid Canseco, da Universidade de Valladolid, na Espanha, discute a viabilidade do uso do conceito de arquitetura fascista para o caso espanhol, tendo em vista que esse termo é comumente utilizado para os casos alemão e italiano. O autor confirma o questionamento inicial, indicando os mecanismos pelos quais é possível apontar que houve, na Espanha, uma estrutura arquitetônica alinhada com os princípios fascistas, tais quais nos outros países.

O artigo seguinte, «Between Fascism and Conservative Authoritarianism. The Estado Novo Regime in Portuguese History Textbooks (1975-2023)», escrito por Sérgio Neto, do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Universidade do Porto, Por-

tugal e por Clara Isabel Serrano, do Centro de Estudos do Século XX da Universidade de Coimbra, Portugal, traz como discussão a análise dos manuais escolares, produzidos após o fim do Estado Novo em Portugal, buscando entender como esses materiais constroem a imagem do período ditatorial em suas páginas, levando em conta, sobretudo, a abordagem do período como fascista ou com elementos ligados à tal ideologia.

Em seguida, o texto «La “Nueva España” y la falange española en Portugal durante la Guerra civil española: Información y propaganda», de Alberto Pena-Rodríguez, da Universidad de Vigo, Espanha, e do Centro de Estudos do Século XX da Universidade de Coimbra, Portugal, aborda os principais elementos utilizados na propaganda feita pela Falange Espanhola em Portugal durante a Guerra Civil Espanhola, buscando recrutar voluntários e angariar fundos no país lusitano para a Falange em solo espanhol, levando em conta principalmente a publicação midiática desse grupo, que teria sido a sua principal forma de ação no período.

Concluindo o dossiê, o artigo «Más allá del fascismo: Una agenda de investigación sobre la nueva ultraderecha en América Latina», de Stéphanie Alenda, da Universidad Andrés Bello, Chile, e Simón Escoffier, da Pontificia Universidad Católica de Chile, propõem mapear as ações dos grupos ligados a ultradireita na América Latina, levando em conta tanto os aspectos utilizados vindos diretamente das ideologias do século XX, como novos elementos apropriados e ressignificados para o século XXI, buscando a compreensão de como esses grupos têm se organizado e, sobretudo, conseguido apoio substancial em vários países do continente.

Os textos do dossiê Fascismo, fascismos: 100 años, com temas diversificados porém dialogando entre si, abordam as temáticas mais atuais da historiografia e das ciencias humanas, em geral, relacionadas ao tema, trazendo as discussões mais recentes e, sobretudo, fortalecendo o debate sobre a atualidade do tema e sua importância para compreendermos não somente os eventos históricos em si, mas também a nossa própria realidade.

## Referências Bibliográficas

- Adorno, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Paz e Terra, 1995.
- Anderson, Perry. Brasil à parte: 1964-2019. Boitempo, 2020.
- Fidelis, Thiago; Paulo, Heloísa (org). Fascismo(s): da ascensão de Mussolini aos desdobramentos na contemporaneidade. EdUESPI, 2024.
- Hobsbawm, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX. Companhia das Letras, 1995.
- Paulo, Heloísa. Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil. Livraria Minerva, 1994.
- Paxton, Robert O. A anatomia do fascismo. Paz e Terra, 2007.